

**sinopse** Numa pequena cidade costeira no Mar de Barents (Oceano Glacial Ártico), Kolya leva uma existência tranquila ao lado de Lilya, a mulher, e Romka, o filho adolescente. Mas as suas vidas alteram-se quando Vadim Sergeyich, o presidente da Câmara, se mostra interessado em apropriar-se do terreno onde está situada a casa da família e a garagem onde exploram um negócio de reparações. Quando percebe que não o conseguirá por meios legais, Sergeyich usa as suas influências partidárias para corromper todos à sua volta. Para tentar salvar tudo o que construiu e recuperar a sua vida, Kolya resolve pedir ajuda a Dmitriy, um amigo de longa data que se tornou um advogado de sucesso em Moscovo. Juntos, estão determinados a ir até às últimas conseqüências para provar a índole corrupta do homem em quem cidade depositou toda a confiança... **Vencedor do Prémio de Melhor Argumento no Festival de Cinema de Cannes, um filme dramático sobre corrupção e abuso de poder, que conta com assinatura do russo Andrey Zvyagintsev ("O Regresso", "Elena"). "Leviatã" foi ainda premiado com um Globo de Ouro para Melhor Filme Estrangeiro e nomeado para um Óscar na mesma categoria.**

#### **Festivais e Prémios:**

Festival de Cannes – Prémio Melhor Argumento

Golden Globes – Nomeado para Melhor Filme Estrangeiro

Oscars – Candidado da Rússia na categoria de Melhor Filme Estrangeiro

European Film Awards – Nomeado para Melhor Filme, Melhor Realizador, Melhor Argumento e Melhor Actor

Festival de Cinema de São Paulo – Prémio da Crítica Internacional

Título original: Leviafan (Rússia, 2014, 140 min.)

Realização: Andrey Zvyagintsev

Interpretação: Aleksey Serebryakov, Elena Lyadova, Roman Madyanov

Argumento: Oleg Negin, Andrey Zvyagintsev

Fotografia: Mikhail Krichman

Som: Andrey Dergachev

Estreia: 5 de Março de 2015

Distribuição: Leopardo Filmes

Classificação: M/12



#### **Uma visão desencantada da Rússia**

*João Lopes, Cinemax*

Não acontece com muitas frequência mas, de vez em quando, vamos podendo descobrir os sinais do melhor cinema da Rússia: premiado em Cannes, aí está o magnífico "Leviatã", assinado por Andrey Zvyagintsev.

Não são muitos os títulos da produção russa que chegam ao mercado cinematográfico português. É pena, e não só porque a Rússia possui uma riquíssima e fascinante tradição cinematográfica — também porque por aquilo que vamos podendo descobrir em alguns festivais de cinema, é óbvio que essa tradição ecoa no trabalho dos mais diversos autores contemporâneos.

"Leviatã" é, justamente, um filme que começou por ser consagrado num festival: arrebatou, em Cannes/2014, o prémio de argumento. Partilharam-no Oleg Negin e o realizador Andrey Zvyagintsev, responsáveis por uma história que coloca em cena a vida agitada de uma pequena cidade portuária do mar de Barents, no noroeste da Rússia.

A partir dos problemas de Kolya (Alexei Serebryakov) — encurralado por um munícipe corrupto que se quer apropriar do terreno em que está a sua casa, ao mesmo tempo que tem de enfrentar uma complexa crise conjugal —, somos confrontados com uma teia de acontecimentos em que tudo parece ameaçado por um processo de desagregação humana e moral.

E é, realmente, espantoso o modo como Zvyagintsev reúne elementos capazes de nos dar uma perspectiva crítica da vida daquela cidade, sem nunca deixar de prestar atenção às *nuances* dos comportamentos humanos — estamos mesmo perante um caso exemplar de equilíbrio dialéctico entre o individual e o colectivo.

Tal como em "O Regresso" (2003) ou "Elena" (2011), Zvyagintsev combina elementos marcados por primitivas ressonâncias simbólicas (a história bíblica de Job foi mesmo uma das inspirações para a elaboração do retrato de Kolya) com uma visão muito directa, metodicamente realista, da vida social e, em particular, do espaço familiar. Dito de outro modo: "Leviatã" propõe uma visão desencantada da Rússia da actualidade, através de um cinema de grande riqueza dramática e narrativa.

### **Leviafan (2014) de Andrey Zvyagintsev**

*Ricardo Vieira Lisboa, à pala de Walsh de 4 de Março de 2015*

Aquando da Queda do Muro, um conjunto de filósofos foi convidado para comentar o acontecimento na rádio pública, um deles quando instigado a comentar a morte do comunismo respondeu que uma coisa que nunca nasceu não pode alguma vez morrer. A sua ideia era a de que o comunismo russo não foi um poder, foi mais um estado de ser, como coisa viscosa onde as pessoas boiavam e que, como não tinha tido estrutura, esta não podia ruir. Em terras lusas. por sua vez, o embaixador russo em Lisboa comentava que o problema que nesse momento se iniciava não era o do futuro, aliás, esse nunca fora um problema para a Rússia. Era, como sempre fora, o passado – como o reescrever às necessidades do liberalismo oligárquico que cedo se instalaria.

Estou em crer que a primeira visão é aquele que se vem encontrando nos filmes de Sergei Losznitsa [toda a sequência no início de Schaste moe (A Minha Alegria, 2010) em que o relógio de cozinha faz tique e taque apesar de nele não poisarem quaisquer ponteiros simboliza essa perspectiva], a ideia de que existe uma viscosidade no tempo que o torna imune à mudança e que favorece a preservação do mal (banal ou nem tanto assim). O segundo olhar é um que se aproxima mais daquele de Andrey Zvyagintsev, como escreveu o Carlos Natálio a propósito de Elena (2011), há nele um “ponto de vista [onde] qualquer triunfo soará a improdutivo, as classes jovens (os filhos e os netos) parecem incapazes de sair moralmente de onde estão e a vida parece ser um castigo suficientemente claro.” Em Leviafan (Leviatã, 2014) essa incapacidade constantemente desafiada e frustrada ressurgue com tanta ou mais evidência, porque neste filme o futuro nunca é um problema, é sim a forma como cada um dos personagens lida com o passado (do seu país).

Mas falava de personagens: em *Vozvrashchenie* (O Regresso, 2003) a ausência da figura paterna impede que os filhos possam crescer, em *Elena* é o oposto, a presença da mãe impede que os filhos se emancipem do seio materno. Em *Leviathan* curiosamente não estamos no território do primeiro nem sequer estamos no seu oposto, aqui o filho cresce – ou nem por isso – independentemente da intervenção paterna (vive também com a madrasta a quem não dá relevância). Ou seja, este último tomo de Zvyagintsev trata, acima de tudo da impotência (em relação ao poder instituído, àquele que se esconde nas malhas da burocracia e também aquele que se desenvolve nos lençóis) e da consecutiva castração (as derrotas, as perdas, os enganos conjugais, o miserabilismo, o conforto do álcool, a prisão, a morte) impostas no confronto entre o indivíduo e o dito sistema.

Depressa e rápido o filme conta a forma como a vida de um casal e seu filho se desmorona quando o município decide expropriar os terrenos da sua habitação e de como a luta jurídica é inútil assim como a luta de influências e chantagens. Se a trama parece (e é) vulgar, o que a transtorna é, mais do que quaisquer outros factores, a forma como o realizador consegue gerir o manancial de personagens de tal modo que fui sempre duvidando de quem era o protagonismo e por outro lado o contraste que se instala no confronto entre as suas velocidades, o desfasamento entre os ritmos de cada um deles.

A este respeito, e numa nota de profunda ironia, as sequências do tribunal em que o pobre paterfamilias recebe o resultado do julgamento são filmados em plano afastado onde a juíza dispara à velocidade de 10 palavras por segundo a sentença. Nesses instantes a avalanche de palavras e termos jurídicos inunda-nos os ouvidos, mais ainda pelo contraste gritante com a lentidão (muito contemporânea) da realização de Zvyagintsev em todos os outros momentos. Isto é, a vida é pasmamenta e a burocracia é Pepe Rápido.

O que me incomoda no cinema de Zvyagintsev, e este seu último filme não é excepção, é aquilo que no entanto agrada à maioria, a saber: um *secura* emocional, um dramatismo tipicamente russo entre a moralismo e o realismo gelado e um fascínio por humanos em situações limite e auto-destrutivas. Fica-me no entanto, como já havia ficado em *Elena*, um pender da câmara para a natureza, aliás, para o olhar da natureza. Como se as diabruras humanas (mais ou menos sanguíneas) pouco ou nada importassem defronte de um fiorde, uma montanha, uma costa pedregosa, um pássaro ou uma baleia. Esse olho natural que nos olha parece-me ser a chama que Zvyagintsev não soube ainda totalmente dominar.

